

MAGIA EGÍPCIA

© Sílvio Guerrinha 2021

Direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por qualquer processo mecânico, fotográfico ou electrónico, ou sob a forma de gravação fonográfica- sem permissão prévia por escrito do autor.

Nos termos do art. 12.º do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, o direito de autor é reconhecido independentemente do registo, depósito ou qualquer outra formalidade.

Além disso os direitos autorais deste livro estão registados em Copyrighted.com registo nº i0jGkAXP4VfYn0DS, registado em Bookmundo.pt ISBN 9789403618388.

Se reeditar, transformar ou reproduzir este material, não poderá distribuir o material modificado.

A utilização não autorizada pode configurar a prática de um crime de usurpação ou contrafação (art.º.s 195º e 196º do CDADC) para além de incorrer em irresponsabilidade civil conducente a um pedido de indemnização.

© Capa e formatação do livro: Sílvio Guerrinha - 2021

Este livro não está escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico. Foi escrito intencionalmente em português antigo.

Índice:

Introdução	7 a 10
Os deuses	12 e 13
Astrologia Kemética	16 a 31
Quatro elementos – Correspondências	31 e 32
Invocação aos Cinco Elementos.	33
Conceito do Tempo	34
Correspondências de cada Neteru	36 a 45
Preparar um Altar	47 e 48
Praticante Solitário	50 e 51
Datas Comemorativas	52
Ensinamentos de Amun-Ra (nove camadas do self)	53 a 59
Tabela de Hieróglifos	60
Fazer o sinal da Ankh	61 a 63
Ritos de Purificação- Wahu	64
Cerimónias- Iru	65 e 66
Cerimónias de Iniciação -Sa Akhu	67
Rituais Akhu – Culto aos Ancestrais	68
Magia Cerimonial no Templo	70 a 75
Encerrando um Ritual	75
Posturas de Adoração	76 a 79
Hinos de Homenagem e Oferendas	80 a 101
Utensílios Rituais e Amuletos	103 a 110
Consagrar a cruz Ankh	112 e 113
Receitas caseiras de Incensos	115 e 116
Poderoso exorcismo Egípcio	118 a 121
Exorcismo de Anúbis.....	122 e 123
Feitiço de Hathor (amor)	123 e 124
Ritual da deusa Bastet	125 e 126
Ritual de Ísis (saúde)	127
Ritual de Nut (engravidar)	128
Ritual da Ankh	129 a 131
Escolher um nome Mágico	133 e 134
Perguntas e Respostas	136
Glossário Kemético	138 a 140

Introdução:

Gosto que os meus livros sejam práticos em vez de teóricos ou maçadores. Portanto, não vou escrever exaustivamente sobre mitologia egípcia ou a vida dos deuses, até porque existem pelo menos quatro mitos da criação: heliopolita, menfita, hermolita e tebana.

O meu objectivo é que o livro seja uma ferramenta prática, que possa utilizar na sua vida. Abordo os conceitos básicos e *modus operandi* da magia egípcia (*Heka*).

No capítulo de cada divindade (*Netjer*) obviamente falo um pouco sobre as características dessa deidade.

Heka, portanto, magia kemética (Kemet era o nome do antigo Egipto). Por vezes esta prática é também chamada de Kemetismo. Porém, o Kemetismo conhecido actualmente faz parte do reavivamento da antiga tradição egípcia que emergiu como movimento durante a década de 1970. Um dos nomes pelo qual era conhecida a magia, ou a deificação da prática mágica, era *Heka* (Hka). Palavras de poder como mantras e invocações eram conhecidos como *Hekaut*. Palavras de poder (*Hekaut*) eram igualmente escritas em amuletos, por vezes colocados junto dos defuntos, para obter protecção no além.

Heka era a conexão sagrada entre o mago e os deuses.

Por vezes escreviam magia como *hk3w*. A palavra *Ka* representa a energia vital e *hk3w* (*hekau* ou *heka*) seria uma energia sobrenatural que existia desde o início dos tempos. Ainda existe uma associação com o poder da palavra, o poder das evocações e conjuros mágicos. Mais tarde *Heka* foi personificado como deus da medicina e da magia, “Aquele que activa a *Ka*” (energia vital, por vezes referida ainda como corpo astral). Porém, o deus *heka* não tinha culto nem templos em sua homenagem. Existem variadas definições para *heka*, que se referiam ainda como a energia ou o poder mágico de cada deus, cada um possuía um certo nível de *heka* (poder mágico).

A primeira informação sobre magia egípcia deriva de 4500 a.C.

Os amuletos mágicos criados naquela época permaneceram em uso aproximadamente até ao século 5 d.C e foram revividos novamente nos tempos modernos. Existem ainda alguns feitiços escritos que sobreviveram até hoje em relevos, pinturas, papiros, etc.

Havia três categorias de magia: magia quotidiana, magia típica do templo e magia relacionada com a vida do indivíduo.

Devo frisar que muitas sociedades herméticas e ocultistas de hoje (seja Maçonaria, Rosacruz, Thelema) contêm muitos rituais inspirados na magia

egípcia. Alguns dos fundadores dessas ordens aprenderam sobre ocultismo viajando até ao Egito, Helena Blavatski e Aleister Crowley são alguns dos exemplos.

Tenho obrigatoriamente de mencionar o famoso “Livro dos Mortos Egípcio”. O “Livro dos Mortos Egípcio” (cujo nome original antigo era algo como: *Livro de Sair Para a Luz*) era uma colectânea de feitiços, fórmulas mágicas, orações, hinos e litânias escritos em rolos de papiro e colocados nos túmulos junto às múmias. O objectivo seria ajudar a alma (*ba*) do defunto na sua viagem para o além, afastando eventuais perigos que este poderia encontrar na viagem espiritual. Os antigos egípcios denominavam a esta coletânea de textos como *Reu Nu Pert Em Hru*, o que pode ser traduzido como "A Manifestação do Dia" ou "A Manifestação da Luz".



Os egípcios não encaravam a morte como o fim da vida, mas sim uma passagem, um novo começo.

Por volta de 1600 a.C. os diferentes feitiços foram divididos em capítulos e no período compreendido entre 1570 e 1069 a.C., o livro tornou-se mais popular, embora ainda fosse um item de luxo. Os escribas especialistas em feitiços eram contratados para fazer exemplares personalizados para um único indivíduo ou uma família. Contudo, apesar dos feitiços serem destinados aos falecidos, podia-se recorrer a um escriba que, sabendo de antemão como tal pessoa vivia, escreveria um livro de feitiços feito especialmente para este que, de acordo com o seu modo de vida, enfrentaria uma jornada específica.

Nos textos antigos egípcios a magia era um presente dos deuses para podermos superar os obstáculos do nosso destino. Acreditava-se que os próprios deuses possuíam poder mágico para também eles regularem o seu próprio destino.

No Egito antigo a magia e a religião complementavam-se, não havia separação.

Os gregos viajavam frequentemente ao Egito para estudar a sabedoria dos sacerdotes e aquilo a que chamavam de *theurgia*, em grego *Theoi* significa deuses e *ergon*: obra.

É uma forma de magia ritual (cerimonial), com o objetivo de incorporar a força divina ou num objeto material como, por exemplo, uma estátua, ou no ser humano, através da produção de um estado de transe visionário. Busca

a perfeita comunhão com deus, obtida através de técnicas cerimoniais como rituais, preces, exercícios e estudos.

A theurgia era domínio dos hierofantes que a ministravam nos diversos templos.

Havia diferentes Templos e, portanto, cada região era devota a deuses específicos. Portanto daí derivaram diferentes escolas ou sistemas de magia, pelo menos doze.

Na cidade de Hermopólis adoravam Rá, o deus solar. Tinham estudos sobre a árvore-da-vida (a Cabala copiou esses ensinamentos), um percurso de vinte e um passos evolutivos na espiritualidade. Em Hermopólis também se dedicavam à magia cerimonial e adoravam Tehuti (Toth), o deus da sabedoria, estudos e conhecimento oculto. Um dos sistemas era *Setep-Sa* e consistia em psicomетria e adivinhação. *Setep-Sa* pode traduzir-se como: “praticante de magia”.

Em Mênfis e na Alexandria dedicavam-se à tarologia (os egípcios desenvolveram vários oráculos, entre eles o tarô). Os arcanos simbolizavam segredos nos quais poderiam meditar. Também se realizavam algumas magias com esses ensinamentos.

Em Edfu e Dendera ficavam templos de culto a Hathor, Heru (Hórus) e Nut. Seguiam o caminho da astrologia e a magia regulava-se pelos alinhamentos astrológicos a datas específicas.

O Kemet (antigo Egito) foi berço de muitas práticas espirituais, tarologia, magia cerimonial, alquimia, hermetismo e ioga. Posteriormente outros povos (especialmente os gregos) copiaram muitas práticas e ensinamentos. Por exemplo, Hermes Trimegisto (pai do Hermetismo) como os gregos o apelidaram era, na verdade o deus Toth. A alquimia (*al-khem*) era a arte de manipular os metais, os elementos e as energias. *Al-khem* pode traduzir-se como “a arte das pessoas de *Khem* (Egito)”.

Saudação a Thoth:

"Djehouty pa aa, pa aa, pa aa" (Toth grande, grande, grande)

As doutrinas esotéricas do Egito formaram o coração da escola filosófica grega conhecida por neoplatonismo e que se baseava numa visão mágica do mundo. Surgiram então os cultos de mistérios, sob o influxo do pensamento místico e mágico então reinante.

Embora algumas práticas como meditação, visão remota ou projecção astral possam parecer modernas (new age, dos nossos tempos) já eram práticas

comuns há sete mil anos entre os egípcios. Eles chamavam ao plano astral *Ashiah*, sendo o corpo astral ou fluído vital *Ka*, o nosso duplo etéreo: *Khaibit*. (Leia o meu livro: Terminologia Metafísica).

Os egípcios acreditavam no poder da palavra dita (pois ela é uma vibração que reflecte um pensamento já imaginado antes de o verbalizarmos) - pensamentos são energia. Reparem numa coincidência, em inglês soletrar diz-se *to spell* (*spell*). A palavra feitiço também se escreve *spell*. Existe também a palavra (que também é fórmula mágica) a abracadabra, que em aramaico se dizia “*abruq ad babra*” que significa eu crio enquanto falo, ou seja, as palavras têm poder criador. Por isso a magia recorre muito a conjuros e invocações.

Alguns autores apontam uma teoria de que a Magia egípcia deve ser praticada apenas de dia, mas creio que isso não está bem claro ou não deve ser generalizado. Por exemplo, se fizer um ritual ou pedido dirigido a uma deusa Bastet ou Auset (Ísis) o horário pode ser diferente de um ritual direccionado a Ra.

Ra é um deus solar e aí faria sentido praticar um ritual seguindo as fases do sol (sol nascente, para atrair algo à sua vida; ao meio-dia para fortalecer algo ou ao pôr-do-sol para afastar algo da sua vida). Um pouco idêntico aos rituais baseados nas fases lunares.

Não devemos generalizar, até porque alguns feitiços egípcios já sofreram alterações ao longo dos milénios e foram adaptados aos tempos modernos ou sincretizados com outros rituais.

Se seguir a tradição Kemética e a prática mágica *Heka*, será um *Shemsu* (seguidor) e as mulheres são conhecidas por *Shemset*. Em tempos remotos, esse termo era aplicado aos que serviam na casa real e seguiam a tradição religiosa.



Eu transmuto os padrões destrutivos e limitadores de todas as fontes;
linhas temporais, dimensões, densidades e realidades que me impeçam de
realizar os meus sonhos mais profundos.
O meu avatar sagrado é o Templo sagrado da Deusa e o amado filho do
Cosmos.

Assim seja.

Os deuses (Neteru):

Uma pequena introdução sobre os deuses - Neteru no plural e netjer no singular.

Podemos pensar que os egípcios eram adeptos do paganismo (múltiplos deuses), porém existem fortes indícios de que eles acreditavam num deus supremo (era Amún) e que todas as outras divindades (Neteru) eram emanações da mesma divindade. No entanto, existem outras descrições em escrituras antigas, que dizem que a Divindade absoluta era Neberdjer e que "Amun" é apenas o nome que os humanos usaram para descrever essa divindade, tal como utilizamos a palavra "Deus" - mas esse é um termo humano e não o real nome da essência divina propriamente dita.

Ou seja, são aspectos ou raios, energias e vibrações distintas, mas personalizadas como entidades. A religião hindu e a africana ioruba possuem o mesmo conceito (orixás, por exemplo, são representantes de uma faixa vibratória, uma falange de entidades).

No Egito havia a deusa Neith da guerra e caça, que usava arco e flecha.

Na cultura iorubá temos o Orixá Oxóssi com arco e flecha também, representando a caça e a floresta. Temos também o Orixá Xangô que equivale a Amon. O espírito Ifá do oráculo equivale a Toth, Oxalá deus criador equivale a Ptah (criador), Oxum equivale a Hathor, Iansã equivale a Osíris (que guiava a alma dos mortos) e Exú equivale a Seth.

Na teosofia temos mestres ascensos da grande Fraternidade Branca em que cada um representa um raio energético, uma cor ou uma frequência específica.

Acredito numa visão cosmopanteísta, em que todos somos parte integrante da divindade, de um universo consciente. No universo existem ainda entidades espirituais elevadas e poderosas que trabalham na construção de mundos e auxiliam na evolução dos seres.

Isso não significa que existam diversos deuses, mas sim uma enorme família de seres que fazem parte da divindade suprema.

Na religião católica temos "anjos" que são emanações divinas, e é um pouco hipócrita criticarem o paganismo, mas ao mesmo tempo adotarem alguns deuses de outras religiões e os transformarem em anjos, sob outros nomes. Além disso, eles tornaram certos deuses em demónios (mudando os nomes). Temos um exemplo do deus grego *Phosphorus* (*Eósforo*) que transformaram em Lúcifer (anjo caído).

Repare na semelhança entre o nome Phosphorus e Horús (phosp+horus). De onde crê que a religião cristã copiou a figura de anjos com asas? Maat e Ísis no Egito eram representadas por vezes com asas de falcão. As asas

simbolizavam divindade (poder de voo), mas simbolizavam ainda o poder protector.

Então, repetindo: Deuses Neteru são emanações/vibrações da divindade suprema, tal como Orixás na Umbanda; são energias divinas, energias cósmicas. Os egípcios representavam-nos com aspectos de animais diversos, mas isso é simbólico, não significa que tivessem essa aparência. São aspectos sagrados desses animais ou aspectos de características que podemos incorporar em nós (o xamanismo é semelhante).

Anúbis tinha cabeça de chacal e julgava as almas dos mortos. Repare que os chacais costumavam andar perto das campas dos mortos. Além disso, é ainda uma referência à constelação de Cão Maior /Canis major, onde está Sírius.

Thoth por vezes era representado como um babuíno, porque eles são espertos. Para além disso são os primeiros a receber os raios de sol pois abrem os braços ao nascer do sol, e os egípcios viam isso como um sinal de adoração sagrada ao sol. A imagem mais comum de Thoth é a cabeça de pássaro Íbis, que era considerada uma ave sagrada. Ela comia gafanhotos, insectos ou cobras que podiam ser venenosos para os humanos em caso de picada.



